



Legado nos ossos Dolores Redondo

Trilogia Baztán – Livro 2



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Legado nos ossos Dolores Redondo



Trilogia Baztán – Livro 2

Tradução
Ana Maria Pinto da Silva



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Dolores Redondo Meira, 2013
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Ana Maria Pinto da Silva, 2016
Todos os direitos reservados.
Título original: *Legado en los huesos*
Publicado em acordo com Pontas Literary & Film Agency

Preparação: Barbara Parente
Revisão: Ligia Alves e Caroline Silva
Diagramação: Márcia Matos
Capa: Departamento de Arte y Diseño. Área Editorial Grupo Planeta
Adaptação de capa: Emily Macedo
Fotografia de capa: Stephen Carroll / Trevillion Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Redondo, Dolores

Legado nos ossos / Dolores Redondo ; tradução de Ana Maria Pinto da Silva. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2023.

480 p. (Trilogia Baztán ; livro 1)

ISBN 978-85-422-2479-5

Título original: Legado en los huesos

1. Ficção espanhola I. Título II. Silva, Ana Maria Pinto da III. Série

23-6177

CDD 860

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção espanhola



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Editora Planeta  **20**
Brasil ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro e impresso pela
Gráfica Santa Marta para a Editora Planeta
do Brasil em novembro de 2023.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

O AMBIENTE NO TRIBUNAL ESTAVA irrespirável. A umidade da chuva, agarrada aos casacos, começava a evaporar, misturada à respiração de centenas de pessoas que abarrotavam os corredores em frente às diversas salas. Amaia desabotoou o casaco a três quartos e, ao mesmo tempo, cumprimentava o tenente Padua, que, depois de falar por breves instantes com a mulher que o acompanhava e instando-a a entrar na sala, se aproximou, esquivando-se das pessoas que ali aguardavam.

— Inspetora, prazer em vê-la. Como está? Não tinha certeza se estaria presente aqui hoje — disse, apontando para a barriga protuberante.

Ela levou uma das mãos ao ventre, evidenciando a última fase da gestação.

— Bem, parece que pelo menos por enquanto vai aguentar. Já viu a mãe de Johana?

— Sim, está bastante nervosa. Está esperando lá dentro, acompanhada da família. Acabam de me ligar lá de baixo para dizer que a van com Jasón Medina chegou — respondeu, dirigindo-se ao elevador.

Amaia entrou na sala e sentou-se num dos bancos do fundo; ainda assim conseguia ver a mãe de Johana Márquez, de luto e muito mais magra do que no funeral da menina. Como se tivesse percebido sua presença, a mulher olhou para ela e cumprimentou-a com um breve aceno de cabeça. Amaia tentou sorrir, sem sucesso, enquanto apreciava o rosto limpo e sem maquiagem daquela mãe atormentada pela certeza de não ter podido proteger a filha do monstro que ela mesma havia levado para dentro de casa. O escrivão procedeu à leitura em voz alta dos nomes dos citados. Não passou despercebida a Amaia a expressão tensa que se desenhava no rosto da mulher ao escutar o nome do marido.

— Jasón Medina — repetiu o escrivão. — Jasón Medina.

Um policial fardado entrou correndo na sala, aproximou-se do escrivão e sussurrou-lhe algo no ouvido. Ele, por sua vez, inclinou-se

para falar com o juiz, que ouviu o que lhe foi dito, assentiu, chamou o promotor e a defesa, disse algumas breves palavras a eles e levantou-se.

— A sessão está suspensa. Os senhores serão convocados de novo se for necessário. — E, sem dizer mais nada, saiu da sala.

A mãe de Johana começou a gritar ao mesmo tempo que se virava para Amaia em busca de respostas.

— Não! — gritou. — Por quê?

As mulheres que a acompanhavam tentaram em vão abraçá-la de modo a conter seu desespero.

Um dos policiais aproximou-se de Amaia.

— Inspetora Salazar, o tenente Padua pede que a senhora desça até as celas.



Assim que saiu do elevador, ela viu que um grupo de policiais se aglomerava em frente à porta dos banheiros. O guarda que a acompanhava lhe fez sinal para que entrasse. Um policial e um guarda prisional estavam encostados à parede com os semblantes perturbados. Padua contemplava o interior do cubículo, posicionado na beirada da poça de sangue que escorria por debaixo da estrutura que separava os banheiros e ainda não havia começado a coagular. Quando viu a inspetora entrar, afastou-se.

— Ele disse para o guarda que precisava ir ao banheiro. Como pode ver, está algemado, mas mesmo assim conseguiu cortar o próprio pescoço. Foi tudo muito rápido, o policial não se afastou daqui, ouviu uma tosse e entrou, mas já não podia fazer nada.

Amaia deu um passo à frente para examinar a cena. Jasón Medina estava sentado no vaso sanitário com a cabeça jogada para trás. Um corte escuro e profundo lhe atravessava o pescoço. O sangue encharcara a parte da frente da camisa como um babador vermelho que lhe escorregava pelas pernas abaixo, tingindo tudo pelo caminho. O corpo ainda emanava calor, e o odor da morte recente pairava no ar.

— Ele fez isto com o quê? — perguntou Amaia, não vendo nenhum objeto próximo.

— Com um cortador de papel. Caiu das mãos dele quando perdeu as forças e foi parar na cabine ao lado — ele respondeu, empurrando a porta do banheiro seguinte.

— Como ele conseguiu trazer isso para cá? É de metal, o detector devia tê-lo identificado.

— Não foi ele quem trouxe, inspetora. Veja — ele retorquiu, apontando com um gesto —, se reparar bem, verá que o cabo do cortador de papel tem um pedaço de fita adesiva colado nele. Alguém se deu ao enorme trabalho de deixar o cortador de papel aqui, com certeza atrás da descarga, e ele só precisou arrancá-lo do esconderijo.

Amaia suspirou.

— E não é tudo — disse Padua, descontente. — Isto estava caindo do bolso do casaco de Medina — declarou, levantando com a mão enluvada um envelope branco.

— Uma carta de suicídio — sugeriu Amaia.

— Não exatamente — replicou Padua, estendendo-lhe um par de luvas e o papel. — E está endereçada a você.

— A mim? — estranhou Amaia.

Ela calçou as luvas e pegou o envelope.

— Posso?

— Claro.

A aba estava fixada com uma cola fraca que cedeu sem rasgar. Dentro, um cartão branco com uma única palavra escrita no centro do papel.

Tarttalo.

Amaia sentiu uma forte pontada na barriga, prendeu a respiração para disfarçar a dor, virou o papel para verificar se não havia nada escrito no verso e o devolveu a Padua.

— O que significa?

— Esperava que você me dissesse.

— Bem, não sei, tenente Padua, não significa grande coisa para mim — respondeu Amaia, um pouco confusa.

— Um *Tarttalo* é um ser mitológico, não é?

— Sim, até onde sei é um ciclope da mitologia greco-romana, e também da mitologia basca. Aonde você quer chegar?

— Você trabalhou no caso do *basajaun*, que também era um ser mitológico, e agora o assassino confesso de Johana Márquez, que por coincidência tentou imitar um crime do *basajaun* para esconder o seu, comete suicídio e deixa um bilhete endereçado a você, um bilhete com a mensagem “*Tarttalo*”. Não vai me dizer que não é no mínimo curioso.

— Sim, admito — suspirou Amaia. — É estranho, mas na época definimos, sem dúvida, que Jasón Medina estuprou e assassinou a enteada e depois tentou de forma bastante descuidada imitar um crime do *basajaun*. Além disso, ele confessou com detalhes. Está insinuando que talvez não tenha sido ele o autor do crime?

— Não tenho a menor dúvida de que foi ele — afirmou Padua, olhando para o cadáver com expressão de repugnância. — Mas nós também temos a questão da amputação e dos ossos da garota que apareceram em Arri Zahar, e agora isto, esperava que você pudesse...

— Não sei o que significa isso, nem por que está endereçado a mim. Padua suspirou, sem deixar de observar a expressão dela.

— Claro, inspetora.

Amaia dirigiu-se à saída dos fundos, decidida a não se encontrar com a mãe de Johana. Não saberia o que lhe dizer, talvez que tudo terminara, ou que por fim aquele desgraçado tinha escapado para o outro mundo como um rato. Mostrou aos guardas o distintivo e finalmente se viu livre da atmosfera do interior do edifício. Havia parado de chover e, em meio às nuvens, a luz incerta e brilhante que surgia através da garoa tão típica de Pamplona lhe arrancou algumas lágrimas enquanto vasculhava a bolsa à procura dos óculos de sol.

Foi difícil encontrar um táxi que a levasse ao tribunal no horário de pico. Quando chovia acontecia sempre a mesma coisa, mas agora alguns automóveis faziam fila na praça enquanto os pamploneses optavam por ir a pé. Parou por um momento diante do primeiro. Não queria ir logo para casa; a perspectiva de ter Clarice por perto bombardeando-a com perguntas não a atraía. Desde que os sogros haviam chegado, duas semanas antes, o conceito de lar sofrera sérias alterações. Olhou para as convidativas vitrines envidraçadas das cafeterias em frente ao tribunal e

no fim da rua de San Roque, de onde vislumbrou as árvores do parque da Media Luna. Calculou um quilômetro e meio até sua casa e começou a caminhar. Caso se cansasse, podia chamar um táxi.

Sentiu um alívio imediato quando, ao entrar no parque, deixou o barulho do trânsito para trás, e o frescor da grama molhada substituiu a fumaça dos veículos. De maneira imperceptível, diminuiu o passo e tomou um dos caminhos de pedra que recortavam o verde perfeito. Inspirou fundo e soltou o ar bem devagar. *Que manhã*, pensou. Jasón Medina se encaixava com perfeição no perfil do réu que comete suicídio na prisão. Estuprador e assassino da filha da esposa, permanecera isolado aguardando julgamento, e estava claro que a perspectiva de ser colocado junto aos presos comuns após a condenação o havia aterrorizado. Lembrava-se dele nos interrogatórios nove meses antes, durante as investigações do caso *basajaun*, como um rato choroso e assustado que confessava as atrocidades cometidas em meio a um mar de lágrimas.

Embora fossem casos diferentes, o tenente Padua da Guarda Civil a tinha convidado a participar devido à tentativa grosseira de Medina de reproduzir o *modus operandi* do assassino em série que ela investigava, baseando-se no que lera na imprensa. Nove meses, justamente quando engravidara. Muitas coisas haviam mudado desde então.

— Não é verdade, minha pequena? — sussurrou, acariciando a barriga.

Uma forte contração a obrigou a parar. Apoiada no guarda-chuva e inclinada para a frente, aguentou a sensação de uma terrível picada no baixo-ventre, que se estendeu até o interior das coxas, provocando-lhe uma câibra que a fez gemer, não tanto de dor, mas de surpresa pela intensidade. A onda de dor diminuiu tão depressa como chegara.

Então era assim. Tinha se perguntado milhares de vezes como seria quando chegasse a hora do parto e se saberia distinguir os primeiros sinais ou se seria uma dessas mulheres que chegam ao hospital já com a cabeça da criança saindo ou que dão à luz num táxi.

— Ah, minha pequena — falou com doçura —, ainda falta uma semana, tem certeza de que já quer nascer?

A dor havia desaparecido como se nunca tivesse existido. Sentiu uma alegria imensa e uma onda de nervosismo diante da iminência da sua chegada. Sorriu feliz e olhou em volta como se desejasse compartilhar

sua satisfação, mas o parque estava deserto, úmido e fresco, de um verde-esmeralda que, com a luz brilhante que se projetava através da camada de nuvens que cobria Pamplona, era ainda mais radiante e bonito, lembrando-a da sensação de descoberta que sempre tinha em Baztán, e que fora para ela um presente inesperado em Pamplona. Retomou o caminho, agora transportada à floresta mágica e aos olhos dourados do senhor daqueles domínios. Apenas nove meses antes encontrava-se investigando ali, no lugar onde nascera, no lugar de onde sempre quisera sair, o lugar para onde voltara para caçar um assassino e onde concebera sua menina.

A certeza da filha crescendo dentro de si dera à sua vida o bálsamo de calma e serenidade que sempre tinha imaginado e que, naquele momento, havia sido a única coisa que podia ajudá-la a enfrentar os terríveis fatos que vivera e que meses antes acabariam com ela. Voltar a Elizondo, remexer no passado e, sobretudo, na morte de Víctor tinha virado de cabeça para baixo o seu mundo e o da família. A tia Engrasi era a única que ficara impassível, embaralhando as cartas, jogando pôquer todas as tardes com as amigas e sorrindo daquela maneira como fazem os que estão na mais perfeita desilusão. Flora mudara-se às pressas para Zarautz, com o pretexto de gravar diariamente os programas de culinária para a televisão nacional, e cedera, quem diria, o comando da Mantecadas Salazar a Ros, que, para surpresa de Flora e confirmando o que Amaia sempre pensara, havia se revelado uma magnífica gerente, embora um pouco confusa no início. Amaia tinha se oferecido para ajudá-la e passara quase todos os fins de semana dos últimos meses em Elizondo, apesar de ter percebido havia muito tempo que Ros já não precisava do seu apoio.

No entanto, continuava indo até lá, para almoçar com elas, para dormir na casa da tia, em casa. A partir do momento em que seu bebê começara a crescer dentro do ventre, desde que se atrevera a dar nome ao medo e a compartilhá-lo com James, e, sem dúvida, também devido ao conteúdo do DVD que guardava ao lado da arma no cofre do quarto, sabia que tinha uma certeza, uma sensação de lar, de raiz, de terra, que acreditava ter perdido havia anos e para sempre.

Assim que entrou na rua Mayor, começou a chover novamente. Abriu o guarda-chuva, caminhou esquivando-se das pessoas que faziam compras e de alguns transeuntes apressados e desprotegidos que andavam

meio encurvados debaixo dos beirais dos edifícios e das marquises das lojas. Parou diante da vitrine colorida de uma loja de roupa para crianças, observou os vestidinhos cor-de-rosa bordados com minúsculas florzinhas e pensou que talvez Clarice tivesse razão e devesse comprar alguma coisa assim para a menina. Suspirou, de repente mal-humorada, enquanto pensava no quarto que Clarice havia preparado para a filha. Os sogros tinham vindo para o nascimento da menina, e, embora estivessem em Pamplona fazia apenas dez dias, ela já havia conseguido enfrentar os piores prognósticos de sogra intrometida que se podia esperar. Desde o primeiro dia, ficara surpresa por ainda não terem arrumado um quarto para a bebê mesmo que houvesse vários cômodos vazios na casa.

Amaia recuperara um berço antigo de madeira nobre que durante anos estivera na sala de estar da tia Engrasi, servindo como depósito de lenha. James o havia lixado até deixar à mostra o veio sob a camada de verniz velho, envernizara-o de novo e as amigas de Engrasi costuraram lindíssimas saias laterais e um cobertor branco que realçava o valor e a tradição do bercinho. O quarto deles era grande, tinham espaço suficiente, e a ideia da menina em outro quarto não conseguia convencê-la, por mais vantagens que os especialistas atribuíssem a esse fato. Não, não lhe agradava, pelo menos por enquanto. Durante os primeiros meses, enquanto a estivesse amamentando, tê-la por perto facilitaria as mamadas noturnas e contribuiria para a sua tranquilidade, com a certeza de que poderia ouvi-la se chorasse ou se lhe acontecesse alguma coisa...

Clarice tinha dito aos céus: “A menina tem de ter o próprio quarto, com as suas coisas por perto. Acredite em mim, ambos descansarão melhor. Se a tiver ao lado, vai ficar a noite toda aguardando cada suspiro, cada movimento. Ela precisa ter o espaço dela e vocês devem ter o seu. Além disso, não acho que seja muito saudável para a menina dividir o quarto com dois adultos, depois as crianças se acostumam e mais tarde não tem como levá-las para o quarto delas”.

Ela também lera os livros de um grande número de pediatras de prestígio decididos a instruir uma nova geração de crianças educadas no sofrimento, as quais não se deviam pegar demais no colo, teriam que dormir sozinhas e não deviam ser consoladas em seus acessos de frustração, porque precisavam aprender a ser independentes e a administrar

os respectivos fracassos e medos. O estômago de Amaia revirou diante de tanta estupidez. Partia do princípio de que, se algum desses ilustres especialistas fosse obrigado a “administrar” o seu medo desde a infância, talvez a visão que tinha do mundo fosse um pouco diferente. Se a filha quisesse dormir com eles até os três anos, seria perfeito: queria consolá-la, escutá-la, minimizar a importância de seus pequenos temores, que ela sabia que poderiam ser enormes também numa criança pequena. Contudo, era evidente que Clarice tinha suas ideias sobre como essas coisas deviam ser feitas e estava disposta a compartilhá-las com o mundo. Três dias antes, ao chegar em casa, Amaia tinha se deparado com o presente-surpresa da sogra, um magnífico quarto com armários, trocador de fraldas, roupeiro, cômoda, tapetes, luminárias. Um desconforto de nuvens e cordeirinhos cor-de-rosa, de laços e rendas por todo lado. James esperava por ela na porta com uma expressão sombria e, enquanto lhe dava um beijo, sussurrou uma desculpa no ouvido, “Ela fez tudo com a melhor das intenções”, o que já havia alarmado Amaia o suficiente para lhe congelar o sorriso diante daquele enjoo cor-de-rosa ao mesmo tempo que avaliava o fato de estar sendo alienada e marginalizada dentro da própria casa. Clarice, no entanto, mostrava-se encantada, movimentando-se entre os móveis novos como uma apresentadora de televidas, ao passo que o sogro, impassível como sempre diante da sua enérgica mulher, continuava lendo o jornal sentado na sala e sem se perturbar. Amaia tinha dificuldade em imaginar que Thomas já fora o diretor de um império financeiro nos Estados Unidos; na presença da mulher, comportava-se com uma mistura de submissão e indolência que eram sempre surpreendentes para ela. Amaia teve consciência do quanto James se sentia desconfortável, e foi só por isso que procurou manter a compostura enquanto a sogra ia lhe mostrando o maravilhoso quarto que lhe havia comprado.

— Olha que armário lindo, aqui cabe a roupa toda da menina, e o trocador de fraldas tem dentro um guarda-roupa completo. Você não pode negar que os tapetes são belíssimos, e aqui — disse sorrindo, satisfeita — o mais importante: um berço digno de uma princesa.

Amaia admitiu que o enorme berço cor-de-rosa era próprio de uma infanta, e tão grande que a menina poderia dormir nele até os quatro anos.

— É bonito — obrigou-se a dizer.

— É lindo, e assim você vai poder devolver o depósito de lenha à sua tia. Amaia saiu do cômodo sem responder, entrou em seu quarto e esperou por James.

— Ah, desculpe, querida, ela não fez com má intenção, mas a minha mãe é assim mesmo, vão ser só mais uns dias. Sei que está tendo muita paciência, Amaia, e prometo que assim que os dois forem embora vamos nos desfazer de tudo de que não gostar.

Aceitara por causa de James e porque não tinha forças para discutir com Clarice. James tinha razão: ela estava com muita paciência, algo que não coincidia com o seu modo de agir. Essa seria a primeira vez que permitia que alguém a manipulasse, mas nesta última fase da gravidez alguma coisa mudara nela. Fazia dias que não se sentia bem, toda a energia de que havia gozado nos primeiros meses havia desaparecido, sendo substituída por uma apatia não usual nela, e a presença dominadora da sogra vinha evidenciar ainda mais a sua falta de forças. Voltou a examinar as roupinhas nas prateleiras e chegou à conclusão de que já estava farta de tudo o que Clarice tinha comprado. Os seus excessos de avó de primeira viagem a deixavam doente, embora houvesse algo mais, e o fato é que teria dado em segredo qualquer coisa para poder sentir essa embriaguez de felicidade cor-de-rosa que acometia a sogra.

Desde que havia engravidado, comprara para a menina apenas um par de botinhas de tricô, camisetas, polainas e alguns pijaminhas de cores neutras. Partia do princípio de que o rosa não era a sua cor favorita. Quando via numa vitrine os vestidinhos, os casaquinhos, os robes e todos aqueles objetos cheios de laços e florezinhas aplicadas, achava que eram bonitos, adequados para vestir uma pequena princesa, mas quando os segurava na mão sentia uma repulsa diante de tanta cafonice ridícula e acabava por não comprar nada, confusa e aborrecida.

Não seria ruim um pouco do entusiasmo de Clarice, que explodia em exclamações apreciativas diante dos vestidinhos com sapatinhos combinando. Ela sabia que não podia ser mais feliz, que havia amado aquela criança desde sempre, desde que ela era uma garota obscura e infeliz e sonhava em ser mãe um dia, uma mãe de verdade, um desejo que ganhou forma quando conheceu James e que chegou a atormentá-la com a dúvida e o medo quando a maternidade ameaçou não chegar, a

ponto de ponderar se deveria se submeter a um tratamento de reprodução assistida. E então, nove meses antes, e enquanto investigava o caso mais importante da sua vida, engravidara.

Estava feliz, ou pelo menos achava que deveria estar, e isso a confundia ainda mais. Até pouco tempo, sentia-se plena, contente e segura como havia anos não se sentia, e no entanto, nas últimas semanas, novos temores, que eram na realidade tão velhos como o mundo, haviam retornado de forma furtiva, infiltrando-se em seus sonhos enquanto dormia e sussurrando-lhe palavras que conhecia e que não queria reconhecer.

Uma nova contração menos dolorosa, porém mais longa, retesou-lhe o ventre. Consultou o relógio. Vinte minutos desde a última que sentira no parque.

Foi ao restaurante onde haviam combinado almoçar, porque Clarice não aprovava que James cozinhasse todos os dias, e entre as insinuações de que deviam contratar empregados para a casa, diante do risco de um dia, ao chegar, dar de cara com um mordomo inglês, haviam optado por almoçar e jantar fora todos os dias.

James havia escolhido um restaurante moderno numa rua paralela à rua Mercaderes, onde moravam. Clarice e o silencioso Thomas sorviam generosos martinis quando Amaia chegou. James levantou-se assim que a viu.

— Olá, Amaia, como está se sentindo, amor? — perguntou, beijando-a nos lábios e afastando a cadeira para que ela pudesse sentar-se.

— Bem — respondeu, considerando a possibilidade de lhe contar alguma coisa a respeito do início das contrações. Olhou para Clarice e chegou à conclusão de que o melhor a fazer era ficar calada.

— E a nossa menininha? — perguntou James, sorrindo, pousando uma das mãos sobre o ventre da mulher.

— “Nossa menininha” — repetiu Clarice, com sarcasmo. — É normal para vocês que a uma semana do nascimento da sua filha ainda não tenham escolhido um nome para ela?

Amaia abriu o cardápio e fingiu ler depois de lançar um olhar a James.

— Então, mamãe, outra vez o mesmo assunto. Há alguns nomes de que gostamos, mas não conseguimos nos decidir por um, por isso vamos esperar que a menina nasça. Quando virmos a carinha dela, decidiremos como vai se chamar.

— Ah, sim? — interessou-se Clarice. — E em quais nomes estão pensando? Clarice, talvez? — Amaia bufou. — Não, não, digam em que nome pensaram — insistiu Clarice.

Amaia ergueu os olhos do cardápio ao mesmo tempo que uma nova contração lhe retesava o ventre durante alguns segundos. Consultou o relógio e sorriu.

— A verdade é que já me decidi — mentiu —, mas desejo que seja uma surpresa. Só posso adiantar que não será Clarice, não gosto de nomes repetidos dentro da família; acho que cada um deve ter a sua identidade.

Clarice deu um sorriso torto.

O nome da criança era outra bomba que Clarice lançava contra ela sempre que tinha oportunidade. Como iria se chamar a menina? A sogra havia insistido tanto que James chegara a sugerir que escolhessem um nome de uma vez por todas, só para que a mãe desistisse do assunto. Ela se irritara com ele. Era só o que faltava: ia ter de escolher um nome só para satisfazê-la?!

— Para satisfazê-la, não, Amaia. Precisamos escolher um nome porque vamos ter de chamar a menina de algum modo e parece que você nem quer pensar no assunto.

E, a exemplo do que acontecia com o caso das roupinhas, Amaia sabia que eles tinham razão. Havia lido sobre o assunto e ficara tão preocupada que no fim acabara por perguntar à tia Engrasi.

— Bem, eu nunca tive bebês, então não posso falar por experiência própria, mas a nível clínico sei que isso é bastante comum nas mulheres que são mães pela primeira vez e sobretudo nos pais. Quando já se teve um filho, sabe o que vai enfrentar, já não há surpresas, mas durante a primeira gravidez costuma acontecer que, apesar de a barriga crescer, algumas mães não são capazes de relacionar as modificações ocorridas com o seu corpo com a presença de um bebê real. Hoje em dia, com as ultrassonografias e a possibilidade de escutar o coração do feto e poder saber o sexo do bebê, a impressão de realidade do filho que se espera é aguçada, mas antes, quando não era possível ver o bebê até o momento do parto, muitos só tomavam consciência de que tinham um filho quando podiam segurá-lo nos braços e olhar para a sua carinha. As inseguranças que a preocupam são normais — disse a tia, pousando a mão

sobre a barriga dela. — Acredite em mim, ninguém está preparado para o que significa ser pai ou mãe, apesar de alguns disfarçarem muito bem.

Pediu um prato de peixe em que mal tocou e verificou que as contrações se distanciavam e perdiam intensidade quando estava em repouso.

Enquanto tomavam o café, Clarice insistiu.

— Já foram ver jardins de infância?

— Não, mamãe — respondeu James, pousando a xícara em cima da mesa e fitando-a com ar cansado. — Não fomos ver nada, porque não vamos pôr a menina na creche.

— Bom, nesse caso vocês vão procurar uma babá para cuidar dela em casa quando Amaia voltar ao trabalho.

— Quando Amaia voltar ao trabalho, eu cuidarei da minha filha.

Clarice arregalou os olhos e se virou para o marido, tentando encontrar uma cumplicidade que não achou num sorridente Thomas, que balançava a cabeça ao mesmo tempo que tomava o seu chá vermelho.

— Clarice... — avisou. Aquelas repetições do nome da mulher sussurrado em tom de reprovação eram o mais parecido com um protesto que conseguia sair da boca de Thomas.

Ela não se deu por vencida.

— Vocês não estão falando sério. Como vai cuidar da menina? Não sabe nada sobre bebês.

— Aprenderei — respondeu James, divertido.

— Aprender? Pelo amor de Deus! Você vai precisar de ajuda.

— Já temos uma diarista que vai lá em casa por algumas horas.

— Não estou falando de uma diarista que trabalhe quatro horas por semana, estou me referindo a uma babá, uma empregada que se ocupe da menina.

— Eu vou fazer isso, vamos fazer isso entre nós dois, foi isso que decidimos.

James parecia se divertir, e, a julgar pela expressão de Thomas, ela deduziu que ele também. Clarice bufou e adotou um sorriso tenso e um tom de voz pausado que indicava o supremo esforço que estava fazendo para ser razoável e paciente.

— Eu entendo os pais modernos de hoje que dão de mamar aos filhos até aparecerem os primeiros dentes, que os deixam dormir em sua

cama e que querem fazer tudo sozinhos e sem ajuda, mas, filho, você também tem de trabalhar, a sua carreira está num momento muito importante, e durante o primeiro ano a bebê não te dará tempo nem para respirar.

— Acabei de terminar uma coleção de quarenta e oito peças para a exposição do Guggenheim do ano que vem e tenho muitos trabalhos reservados para poder tirar algum tempo para me dedicar à minha filha. Além disso, a Amaia não está sempre ocupada, há períodos com mais trabalho, mas o normal é que chegue cedo em casa.

Amaia percebeu que sua barriga se contraía debaixo da blusa. Desta vez foi mais doloroso. Respirou devagar, tentando disfarçar, e olhou para o relógio. Quinze minutos.

— Você está pálida, Amaia. Está se sentindo bem?

— Estou cansada, acho que vou para casa me deitar um pouco.

— Bem, o seu pai e eu vamos às compras — declarou Clarice —, caso contrário terão de cobrir essa criança com folhas de parreira. Vamos nos encontrar aqui para jantar?

— Não — falou Amaia. — Hoje vou comer qualquer coisa leve em casa e tentar descansar. Tinha pensado em ir às compras amanhã, vi uma loja que vende uns vestidinhos lindos.

A estratégia funcionou. A perspectiva de ir às compras com a nora acalmou Clarice, que sorriu encantada.

— Ah, claro que sim, querida, você vai ver o quanto vai se divertir. Há dias que só vejo coisas maravilhosas. Descanse, meu bem — disse, dirigindo-se para a saída.

Thomas inclinou-se para beijar Amaia antes de sair.

— Boa jogada — sussurrou, piscando um olho para ela.



A casa onde moravam na rua Mercaderes não deixava perceber do lado de fora a magnificência dos tetos altos, as amplas janelas francesas, os painéis de madeira, as maravilhosas molduras que adornavam muitas das dependências e o piso térreo, onde James havia instalado o seu ateliê e que no passado abrigou uma fábrica de guarda-chuvas.

Depois de tomar um banho, Amaia deitou-se no sofá com um caderno numa das mãos e o relógio na outra.

— Hoje você me parece mais cansada do que o normal. Durante o almoço, percebi que estava preocupada, quase não prestou atenção às bobagens da minha mãe.

Amaia sorriu.

— É por causa de alguma coisa que aconteceu no tribunal? Você me disse que suspenderam o julgamento, mas não o porquê.

— Jasón Medina suicidou-se esta manhã dentro do tribunal, amanhã a notícia sairá nos jornais.

— Caramba! — James encolheu os ombros. — Não posso dizer que sinto muito.

— Não, não é uma grande perda, mas imagino que deve ser um pouco decepcionante para a família da garota que ele, no final, não seja julgado, ainda que a verdade seja que dessa forma evitam ter de reviver aquele inferno escutando os detalhes mais escabrosos.

James assentiu, pensativo.

Amaia pensou em contar-lhe sobre o bilhete que Medina lhe havia deixado. Chegou à conclusão de que só iria preocupá-lo e não queria estragar um momento tão especial com aquele detalhe.

— Seja como for, é verdade que hoje estou mais cansada e que tenho a cabeça ocupada com outras coisas.

— É mesmo? — perguntou James, convidando-a a continuar.

— Ao meio-dia e meia, comecei a sentir contrações de vinte em vinte minutos. A princípio, duravam apenas alguns segundos, mas agora estão mais intensas e ocorrem de doze em doze minutos.

— Ah, Amaia, por que não me contou isso antes? Aguentou isso durante o almoço? Está sentindo muitas dores?

— Não — respondeu, sorrindo —, não doem tanto assim, são mais como uma forte pressão, e não queria que a sua mãe ficasse histérica. Agora preciso de um pouco de tranquilidade. Vou descansar controlando a frequência até me sentir preparada; então vamos para o hospital.

